

## Filme: Contrapandemia – Fazeres em quarentena

### Contextualizando a obra

Durante a quarentena, sigo trabalhando em vários projetos simultâneos e interligados. Cumpro o período no meu atelier, em Boa Vista-RR. Dessa forma, optei por me inscrever com o filme de três minutos e mostrar algumas obras e ações que considero relevantes para uma exposição virtual no site do Instituto PIPA. Sou um artista multimídia, autônomo e autóctone. O objetivo também é mostrar em uma única obra (filme) as minhas atuações nos campos do áudio visual como diretor, roteirista, produtor e ator. Busco chamar a atenção para minha atuação como *performer*, trabalho que tenho desenvolvido por meio de *lives* no meu perfil no Facebook, nesse período. O trabalho que venho desenvolvendo com meu próprio corpo enquanto plataforma/suporte/transporte pode ser observado com o alcance do equilíbrio de caminhar sobre o muro fazendo movimentos, atos, invocações. Sobre andar em cima do muro, busco fazer alusão à ideia de limites de deslocamentos por imposição do novo corona vírus. Nos figurinos, destaco o manto (Manto para Fazer Bebês), uma obra em construção que exhibe aspectos do meu trabalho pictórico e uma provocação para que artistas indígenas gerem a nova estrutura de seres. Uso-o também em falas e performances nas *lives*. A vestimenta de palha é da entidade Parixara, parte da cosmovisão do meu povo Makuxi; o Parixara como um acessador de mundos, uma espécie de filtro contra inimigos invisíveis. A passagem com a roupa de palha de buriti, a flauta, o maracá, o amuleto de xamã e o canto destacam minhas práticas espirituais como artista curador, junção de curador com curandeiro. A placa com a palavra Umîri'kon, na língua Makuxi, significa Nossa Roça e evidencia meu trabalho/pesquisa/prática em cultivar uma roça, no pátio da Galeria, como uma obra de arte, a arte de dar de comer: plantar, colher e servir comida saudável. É um composto integral de um artista indígena vivendo em contexto urbano. A rede colorida é uma instalação chamada Rede para Esperar Caça Grande e faz alusão ao tempo e à prática de esperar a caça. Para a instalação convidei o artista José Casado, do povo Taurepang/Pemón da Venezuela. Ela remete às minhas práticas de parceria e apoio a artistas indígenas de comunidades. A rede está sendo elevada paulatinamente para que a onça pintada não alcance o caçador. Ao mesmo tempo, estando cada vez mais alta, mais perigosa a espera se torna. A imagem da cobra grande engolindo a família (*site specific*) é uma obra em processo de acabamento, que vem sendo constituída com camadas de pinturas e instalação de escamas com pedaços de espelhos quebrados coletados em lixão. Dessa forma, apresento algumas atividades/obras/processos que venho desenvolvendo nesse período e que, acredito, dialogam diretamente com a realidade desafiadora que nos submete a pandemia. Sigo trabalhando ativamente nas redes sociais e todo o meu tempo é dedicado integralmente aos fazeres artísticos. Meu trabalho tem parte substancial na prática disciplinar de sonhar, analisar esses acessos e, por meio das obras de arte, inferir no mundo prático um tipo de advertência, uma 'contemporização'. Há tempos, nossos Pajés tentam se fazer ouvir sobre os riscos reais de os céus desabarem sobre nossas cabeças como um efeito claro da mercantilização capitalocênica de tudo valorar, vide a placa de venda que aparece no corpo da obra Ko'ko – A Vovó Universal, que vem dizer mais uma vez que temos pouco tempo para nos ajustarmos ao deslocar contínuo dos cosmos ou seremos deixados, de fato, flutuando em um vazio pleno enquanto humanidade e a vida seguirá seu curso sem nós, os humanos. A obra em filme, por fim, acaba sendo mais uma exemplificação de algum caminho viável para o bem viver na Terra. Artes com práticas úteis a partir de seu *locus*, interligando-se no mundo por diversas extensões.

Jaider Esbell – Vencedor do Prêmio PIPA online 2016.